

EDITORIAL

Este número da *Phoînix* apresenta oito artigos de especialistas brasileiros e estrangeiros em Antiguidade Clássica. Cinco desses textos versam sobre a sociedade grega e três sobre a romana.

O artigo que abre este número, de Rafael Guimarães Tavares da Silva, parte da ideia de *dikē* (justiça) presente na poesia homérica e das diferentes perspectivas desenvolvidas nos poemas atribuídos a Hesíodo, buscando destacar alguns dos significativos ajustes feitos por Sólon a esse conceito em seu próprio contexto histórico. Assim, o objetivo é sugerir novas formas de compreensão da *dikē* na poesia de Sólon, a fim de reivindicar sua importância para a tradição helênica de pensamento sobre a justiça e a escrita.

O teatro grego – trágico e cômico – é o objeto de estudo dos próximos três artigos. Márcia Cristina Lacerda Ribeiro e Renata Cardoso de Sousa elegem as obras de Eurípides para análise. O texto de Márcia Ribeiro propõe examinar uma passagem específica (vv. 184-218) da tragédia *Íon*. A autora busca discutir a exultação de Atenas presente na éfrase – parte do conjunto escultórico de uma das fachadas do templo de Apolo, em Delfos, cenário da peça – e as implicações daí decorrentes, relacionando-a ao momento singular de sua história, após o desastroso conflito com os siracusanos, que redundou em incontáveis perdas humanas, em um quadro de guerra que se arrastava havia mais de vinte anos. Já Renata Cardoso objetiva refletir tanto como Eurípides via a riqueza em suas tragédias quanto como a sua formação discursiva influenciou a sua visão sobre o tema.

Por fim, a comédia de Aristófanes. Ana Maria César Pompeu se debruça sobre a gênese rural da comédia que é apreendida pela paródia de um canto fálico, indicado por Aristóteles na *Poética*, como origem da comédia, dentro da celebração de uma Dionísia rural, em comemoração à paz readquirida pelo protagonista de *Acarnenses*. A paz particular de Diceópolis, defendida numa trigédia, “canto ao vinho novo ou comédia”, é comparada à de Trigeu, o vindimador, que resgata a deusa Paz, na peça homônima, para todos os gregos. Diceópolis só divide sua paz com uma noiva, pois a mulher não é culpada pela guerra. As peças femininas *Lisístrata* e *Tesmo-foriantes* apresentam uma suspensão da guerra. Na primeira, há uma greve de sexo promovida pelas mulheres casadas para acabar com a guerra; na

segunda, a suspensão se dá pela celebração das Tesmofórias, festival feminino, em honra às deusas da fertilidade.

Ainda refletindo sobre a sociedade helênica, temos o artigo de Violaine Sebillotte Cuchet, que expõe que a questão do acesso das mulheres ao poder é frequentemente tratada por historiadores atuais, bem como por alguns de nossos antigos testemunhos, de maneira oposicionista: as mulheres sendo consideradas como uma categoria social homogênea. No entanto, a recepção diversa dada pelos personagens do Livro III das *Helênicas* de Mania, governador da cidade grega de Dardanos no final do século V, questiona a relevância de tal diferenciação dos indivíduos de acordo com seu sexo. A análise do episódio narrado por Xenofonte nos convida a distinguir os estereótipos de gênero e considerá-los em seu devido lugar, aquele dos estereótipos.

Com foco em um recorte sobre o mundo romano, Cecília Ames dedica-se à poesia de Virgílio. Centrando-se nas menções ao despovoamento dos campos na *Eneida*, ela o analisa como ato de memória, ou seja, como formador de um horizonte de leitura para os contemporâneos do poeta, panorama em que, sem dúvida, se faz presente o passado das guerras através de uma de suas consequências mais influentes: a transformação do campo italiano e da elite camponesa.

O próximo texto, de Elisana De Carli, estuda as tragédias de Sêneca que, ao longo do tempo, fomentaram a crítica e exerceram influência na história do teatro ocidental. Nesse artigo, ela faz um breve percurso histórico acerca dessa produção dramática, referindo-se às fontes, à problemática quanto à autoria e às possíveis datas de escrita, assim como às linhas de recepção crítica, com o objetivo de visualizar os aspectos que permearam a configuração histórica a respeito do teatro senequiano.

Encerrando este número da revista, temos o artigo de Alaína Garcia Margiotti e de Alfredo dos Santos Oliva que propõe uma análise das estratégias discursivas de Paulo frente aos seus oponentes na Primeira Carta aos Coríntios, por meio das oposições antagônicas que o apóstolo fez da “sabedoria do mundo”, pautada no discurso racional, e da “sabedoria de Deus”, na mensagem redentora da cruz de Cristo.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoînix*.

Os Editores